

Deixando de parte o segundo e o terceiro momentos, por pertencentes aos velhos tempos, restam, actualmente, como inilludiveis e insophismaveis: as séries de *factos*, a *sciencia* de cada uma dessas séries, a *technica* racional e conscientemente estabelecida.

III

Que tem a ver tudo isto com a *critica*?

E' o que se vae mostrar.

Quando se começou a falar em critica, como synonymo de apreciação de assumptos literarios, existiam apenas a cogitar de taes assumptos a velha poetica e a velha rhetorica, de mero valor pratico, como se viu, sem base scientifica séria.

A critica teve necessariamente, fatalmente, de confundir-se com ellas, conforme se tratava de obras em verso ou em prosa.

A genuina sciencia das artes, respectivè da literatura, que não é outra cousa mais do que a arte da palavra escripta ou falada,— a *Esthetica* —, não existia.

O termo só ontem, por assim dizer, na segunda metade do seculo XVIII, foi creado por Baumgarten; a cousa tem estado a constituir-se até agora sob os esforços de numerosos pensadores.

De recentes tempos para cá, rolando em desuso a rhetorica e a poetica, passou a critica a se confundir com a *esthetica*, na parte em que trata das bellas letras, parte esta que se poderia chamar literonomia, literologia ou, melhor, estho-literatura.

Quando a confusão não se faz directamente com a sciencia da *esthetica*, faz-se com a historia da arte e da literatura. Nada de mais facil demonstração. Não precisa ir longe; pelo que toca á confusão com a rhetorica e poetica, basta abrir o livro de F. Brunetière—*L'évolution des genres dans l'histoire de la littérature*, cujo primeiro volume trata da *Evolução da critica em França desde o Renascimento até aos nossos dias*.

Comquanto se ocupe exclusivamente do desenvolvimento da critica em França, facil é ver que pela lei do *consensus*, que mostra o parallelismo de todos os phenomenos sociologicos, o *rhythmo* evolutivo daquella disciplina do espirito foi o mesmo em toda a Europa.